

GN 11,1-9: CONTRAMITO TORRE DE BABEL AO MITO DA FUNDAÇÃO DE BABILÔNIA

Jacir de Freitas Faria*

Resumo

Propõe-nos o “contramito” de Gn 11,1-9, a torre de Babel, como crítica ao poderio babilônico. O destino dos impérios assassinos e opressores está nas mãos de Deus. A “confusão” (babel) e o conflito são subjacentes aos projetos que deixam o povo de fora e tentam impor a visão e interpretação dos poderosos.

Palavras-chave: *Babel. Babilônia. Impérios. Enûma Elîsh. Esagila. Confundir.*

Abstract

This article upholds the content of the narration of the Babel Tower episode (Gn 11,1-9) as criticism to the power of Babylonian empire. It presents certainty that the fate of the slaying and oppressing empires is at God's hands. The “confusion” (babel) and conflict are presented as the background of projects that excluded members of the people and sought to impose them the interpretation and standpoints of the powerful.

Keywords: *Babel. Babylon. Empires. Enûma Elîsh. Esagila. To confound.*

Introdução

Um dos impérios que mais marcou a cultura do povo da Bíblia foi o babilônico. Exilado, o povo repensou sua vida com Deus e reescreveu sua história de

* Padre e frade franciscano. Fez seus estudos de mestrado em Exegese Bíblica no Pontifício Instituto Bíblico de Roma e completou-os no México e em Jerusalém, na École Biblique. Inquieto pesquisador e conferencista, de modo crítico, ecumênico e pastoral, sobre os apócrifos do Segundo Testamento, Frei Jacir tem publicado seis livros sobre essa polêmica literatura – sendo o último *A infância apócrifa do menino Jesus. Histórias de ternura e travessuras (Vozes)* –, e outros dez sobre a Bíblia. Professor de Exegese Bíblica no ISTA, em Belo Horizonte, e em outros institutos, há quase duas décadas, Frei Jacir, além da pesquisa e dos serviços prestados à sua ordem religiosa, como diretor do Colégio Santo Antônio, dedica parte de seu tempo à leitura popular da Bíblia em centros bíblicos e cursos de Teologia Pastoral.

fé. Na análise que faremos de Gn 11,1-9, partimos da afirmativa de que a maioria dos mitos de Gn 1–11 foi escrita no Exílio da Babilônia (587-536 antes da Era Comum – a.E.C.)¹ e no pós-exílio. Tendo ouvido e convivido com a ideologia dominante, o povo reafirmava a sua fé em Deus, contando miticamente a sua experiência de fé. Era como se dissessem: “O deus de vocês age assim, mas o Nosso é diferente do deus de vocês”.

Consideraremos Gn 11,1-9 como contramito, neologismo criado por nós para conferir uma nova interpretação a alguns mitos de Gn 1–11. Como o próprio termo indica, contra é oposição. Chamemos esse contra de *resistência*. Resistência a quê? Ao pensamento e à cultura babilônicos que oprimiam os exilados. Em Gn 1–11, também podem ser considerados contramitos, Gn 1,1–2,4a: A criação em sete dias como contramito ao mito babilônico da criação, *Enûma Elish*; Gn 6,5–9,17: O dilúvio como recriação do mundo e do ser humano e sua relação com outros mitos. Na tentativa de entender Gn 11,1-9 como contramito, temos ciência de que mito é o modo que a linguagem humana encontrou para explicar as coisas a partir do Sagrado, de Deus, não importando o tipo de fé e a cultura da qual ele provém.

Gn 11,1-9 não se trata de confusão de línguas

Tradicionalmente, a interpretação de Gn 11,1-9 tem sido a de que essa passagem bíblica provocou o surgimento de várias línguas no mundo. Seria como se, antes desse fato, todos os seres humanos se entendessem a partir de uma mesma língua, mas quando o ser humano quis chegar ao céu por meio da construção de uma torre, isto é, quis dar um “golpe de estado” e assumir o poder divino, Deus interveio e confundiu as línguas, dando origem a diferentes povos. E cada um seguiu o seu destino sem poder se entender. Desse modo, Deus se viu livre do concorrente.

E por falar em torre, imagine se o ser humano do tempo da Bíblia pudesse, ao menos, imaginar que duas torres geminadas pudessem ser construídas no século XX, em Nova York, com 110 andares? E que nelas pudessem trabalhar 50 mil pessoas? E que outras 90 mil passassem por ali diariamente? Não! Isso é demais para os antigos! Basta uma torre de Babel. No entanto, imaginemos mitologicamente que os antigos construtores da Torre de Babel, em seus jazigos, estejam dizendo, depois do fatídico 11 de setembro de 2001: o ataque terrorista que destruiu as torres de Nova York é ação de Deus que derruba os poderosos de seus tronos. E nós? Resta concordar: o coração do neoliberalismo globalizado foi atacado. Ademais, a poderosa Babilônia de então não se chama, hoje, Estados Unidos da América?

1. Usamos a terminologia antes da Era Comum (a.E.C.), Era Comum (E.C.), Primeiro Testamento (PT) e Segundo Testamento (ST) por razões ecumênicas e em respeito para com os judeus.

Gn 11,1-9 é um contramito, uma resposta contrária ao mito babilônico, *a casa dos grandes deuses*, construção levada a cabo pela divindade maior da Babilônia, Marduk, bem como ao mito *Esagila*, também babilônico, o qual descreve a construção de *um templo/torre da terra*, símbolo do céu infinito, e feita pelos deuses vencidos da terra em honra a Marduk.

Visto nessa perspectiva, Gn 11,1-9 tem como objetivo mostrar como os mega e injustos projetos humanos, presentes e futuros, serão sempre impedidos por Deus. Colocada no fim do bloco de Gn 1–11, essa passagem quer nos ensinar que a mesma Babilônia que exilou o povo de Judá e o dispersou pelo seu império será também dispersada por Deus².

Mito babilônico: ‘A casa dos grandes deuses’

No mito da criação babilônica, o *Enûma Elish*, citado no início deste nosso estudo, relata que Marduk, depois de agir em favor dos deuses, matando *Tiamat* e restabelecendo a ordem sagrada, foi aclamado pelos outros deuses como rei e deles recebeu mensagens de paz e felicidade, bem como um pedido para que ele vigiasse suas casas e a promessa de que eles realizariam o desejo de Marduk. Esse, então, pensa a respeito do que ouvira, e dirige aos deuses as seguintes palavras:

Sobre o Apsû, onde habitais, a contraparte do Esharra que eu construí sobre vocês, abaixo, reforcei o solo para um ajustamento, quero construir uma casa. Ela será exuberante. Nela quero fundar o seu templo, demarcar celas, fixar minha soberania. Quando vocês chegarem do Apsû para a assembleia, pernoitaremos ali, (ali) será um lugar onde todos serão acolhidos. Quando vocês descerem do céu para a assembleia, pernoitaremos ali, (ali) será um lugar onde todos serão acolhidos. A chamarei pelo nome de “Babilônia”, ‘a casa dos grandes deuses’. A edificarei com mãos de artesãos, de acordo com meu plano”³.

Mito Esagila: ‘O templo/torre da terra, o símbolo do céu infinito’

Na continuidade do relato de *Enûma Elish* é dito que os deuses vencidos da terra constroem um templo para Marduk. Eis o relato:

2. Cf. CROATTO, José Severino. *Exlio y sobrevivencia. Tradiciones contraculturales en el pentateuco*, Lumen: Buenos Aires, 1997, p. 353-393. Em nossa análise, consideramos importante a interpretação de Gn 9,1-11, feita por Croatto nessa obra.

3. Cf. *Enûma Elish* V, 119-130.

Quando a lei universal foi estabelecida, e aos deuses alocados seus domínios, então os Anunaki, os deuses da terra, os deuses que haviam sido derrotados, dirigiram-se a Marduk: Agora que nos libertaste e fizeste menor nossa carga de trabalho, como devemos retribuir tal graça? Que construamos um templo e que o chamemos o albergue do descanso da noite. Lá, onde todos iremos dormir uma estação do ano, no Grande Festival, quando todos reunidos em assembleia, iremos construir altares para ti, iremos construir Parakku, o Santuário. Quando Marduk escutou [tais palavras] sua face brilhou como a luz do dia, ele lhes disse: a grande torre de babel deve ser construída de acordo com os desejos de todos vocês, os tijolos deverão ser colocados em seus moldes e chamá-la-emos de Parakku, o Santuário. Os deuses Anunaki pegaram suas ferramentas, e levaram um ano inteirinho para moldar os tijolos [necessários]; no segundo ano, eles levantaram o Esagila, o templo da terra, o símbolo do céu infinito. Dentro, havia quartos para Marduk e Enlil e Ea. Com toda majestade, Marduk tomou seu lugar na presença deles todos, onde o topo do zigurate erguia-se por sobre a base. Quando a construção do templo terminou, os Anunaki construíram capelas para si; então todos se reuniram, e Marduk ofereceu a todos um banquete. E foi dito: esta é Babilônia, a cidade querida dos deuses, teu amado lar! Em cumprimento e amplidão, ela é nossa, nós a possuímos, alegra-te com ela, pois ela é tua!

Para demonstrar que o poder de Babilônia do forte e bélico rei Marduk jamais seria destruído, Enûma Elîsh termina, após ter cantado os títulos de Marduk, do seguinte modo:

Lembrem dos títulos de Marduk! Governantes irão recitá-los, sábios irão fazer debates a respeito deles, pais os repetirão para os filhos, e mesmo os pastores deles terão conhecimento. Que todos se alegrem na glória de Marduk, o príncipe dos deuses! Homens e mulheres e a terra irão prosperar, pois forte é seu Domínio, firmes são seus comandos. Deus algum pode alterar a vontade de Marduk. Onde os olhos do grande deus se fixarem, somente o bom, o justo e o certo lá terá lugar. Deus algum pode suportar sua ira. O intelecto de Marduk é vasto, bem como a sua benevolência, mas pecadores e outros desta laia ele irá fazer desaparecer com a sua presença; mas o sábio professor cujas palavras escutamos, e que escreveu tais palavras que ora ouvimos, Marduk o poupou para os tempos vindouros. Que os Igigi que construíram seu templo, que os deuses falem que esta é a canção de Marduk, que derrotou Tiamat e obteve soberania.

Contramito israelita: Torre de Babel

A narrativa de Gn 11,1-9 assim descreve:

¹ A terra inteira utilizava a mesma linguagem e as mesmas palavras.² Ora, deslocando-se para o oriente, os homens descobriram uma planície na terra de Shinear e ali habitaram.³ Disseram um ao outro: Vamos! Façamos tijolos e cozinhemo-los ao forno. Os tijolos lhes serviram de pedras e o betume lhes serviu de argamassa. ⁴ Vamos – disseram – construamos para nós uma cidade e uma torre cujo cume atinja o céu. Conquistemos para nós um nome, a fim de não sermos dispersados sobre toda a superfície da terra.⁵ O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão construam. ⁶ Ah, disse o Senhor, todos eles são um povo só e uma linguagem só, e é esta a sua primeira obra! Agora, nada do que projetarem fazer lhes será inacessível!⁷ Vamos, desçamos e confundamos a linguagem deles, que não se entendam mais entre si!⁸ Dali, o Senhor os dispersou sobre toda a superfície da terra, e eles cessaram de construir a cidade.⁹ Por isso, foi dado a ela o nome de Babel, pois foi ali que o Senhor confundiu a linguagem de toda a terra, e foi dali que o Senhor dispersou os homens sobre toda a superfície da terra.

Comparando os mitos Babilônia, Esagila e Torre de Babel

	BABILÔNIA	ESAGILA	TORRE DE BABEL
Construtor:	Marduk	Deuses derrotados da terra	Seres humanos
Nome:	Casa dos grandes deuses	<i>Parakku</i> : Santuário / Templo/Torre de Babel da terra, símbolo do céu infinito	Babel
Quem nomeia:	Marduk	Marduk	Deus ou o ser humano
Objetivo:	Oferecer um lugar de repouso para os deuses. Demonstrar a soberania de Marduk.	Agradecer a Marduk pela diminuição da carga de trabalho dos deuses da terra, bem como garantir um local para o encontro deles.	Chegar ao céu, a morada dos deuses; fazer um nome, obtendo fama.

O substantivo *Babilônia*, dependendo de sua origem linguística, pode ser traduzido por *porta de Deus*, *porta dos Deuses* (acádico) ou *casas dos grandes deuses* (sumério).

Babilônia foi fundada sobre o Apsû, o oceano de água doce, como uma casa de descanso e de demonstração da soberania dos deuses babilônicos, sobretudo de sua divindade maior, Marduk. A construção de uma casa com o nome Babilônia tinha como objetivo relacionar essa cidade milenar, fundada provavelmente no início do segundo milênio a.E.C., aos deuses babilônios, sobretudo Marduk. Igualmente, os judeus exilados na Babilônia procuraram, com o mito de Gn 11,1-9, demonstrar o poder de seu Deus sobre os deuses babilônios. O Deus que fez aliança com Israel é o mesmo que criou o ser humano, seus ancestrais, o colocou num jardim, promoveu o dilúvio e que agora iria dispersar o opressor babilônico, que os exilara e acabara com seu projeto.

O *Enûma Elish* fala de dois templos na terra, um construído a pedido de Marduk, e outro, pelos deuses da terra como gratidão a Marduk. Sobre o segundo é dito claramente que se trata de uma torre em Babel, o que evidencia ainda mais o contramito bíblico, a Torre de Babel.

Relação entre o Salmo 137 e Gn 11,1-9

A presença do povo de Deus, ou melhor, de suas lideranças – em torno de 10 mil pessoas – nos anos de 597 a 538 a.E.C. no exílio babilônico foi muito sofrida. Sem terra e longe da pátria, o sofrimento durou décadas. Rezando, os judeus clamavam: “Meu Deus, meu Deus, porque nos abandonastes?” (Sl 22); e se perguntavam: “Será que Deus nos rejeitou?” (Sl 74).

Obra literária de beleza incomensurável, o Sl 137 salta aos nossos olhos com as seguintes palavras de dor, regadas de esperança e saudade da terra longínqua:

Junto aos rios da Babilônia nos sentamos, e choramos com saudades de Sião; nos salgueiros que ali estavam penduramos nossas harpas. Lá, os que nos exilaram pediam canções, nossos raptos queriam alegria: “Cantai-nos um canto de Sião!” Como poderíamos cantar um canto do Senhor numa terra estrangeira? Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que me seque a mão direita! Que me cole a língua ao paladar, caso eu não me lembre de ti, caso eu não eleve Jerusalém ao topo de minha alegria! Senhor, lembra o dia de Jerusalém aos filhos de Edom, quando diziam: “Arrasai-a! Arrasai-a até os alicerces!” Ó devastadora filha de Babel, feliz quem devolver a ti o mal que nos fizeste! Feliz quem agarrar e esmagar teus nenês contra a rocha!

Composto no exílio ou, provavelmente, em Jerusalém, por um grupo de levitas que recorda as humilhações sofridas no cativeiro da Babilônia, o Salmo 137 é uma lamentação coletiva, na qual se encontram expressões profundas e pungentes de dor humana, pranto amaríssimo de quem perdeu o que era caro ao coração: a família e a terra da promessa. Indignados, os exilados interiorizam o sofrimento. Na oração, eles expressam o desejo de violência contra os causadores de tanto sofrimento. Por amarem a terra distante, Jerusalém situada sobre o Monte Sião, e o templo que ali existia, eles sofriam injúrias dos opressores, os quais, por pura ironia, pediam: “Cantai-nos um canto de Sião!” Por mais paradoxal que seja, encontramos nesse Salmo de sofrimento palavras de imprecação, maldição contra os opressores. Desejar que os nenês dos opressores fossem atirados contra a rocha são palavras duras, as quais não soam bem aos nossos ouvidos. Como entender isso? Questão de mentalidade antiga, mas superada por Jesus, no Segundo Testamento? Não é tão simples assim.

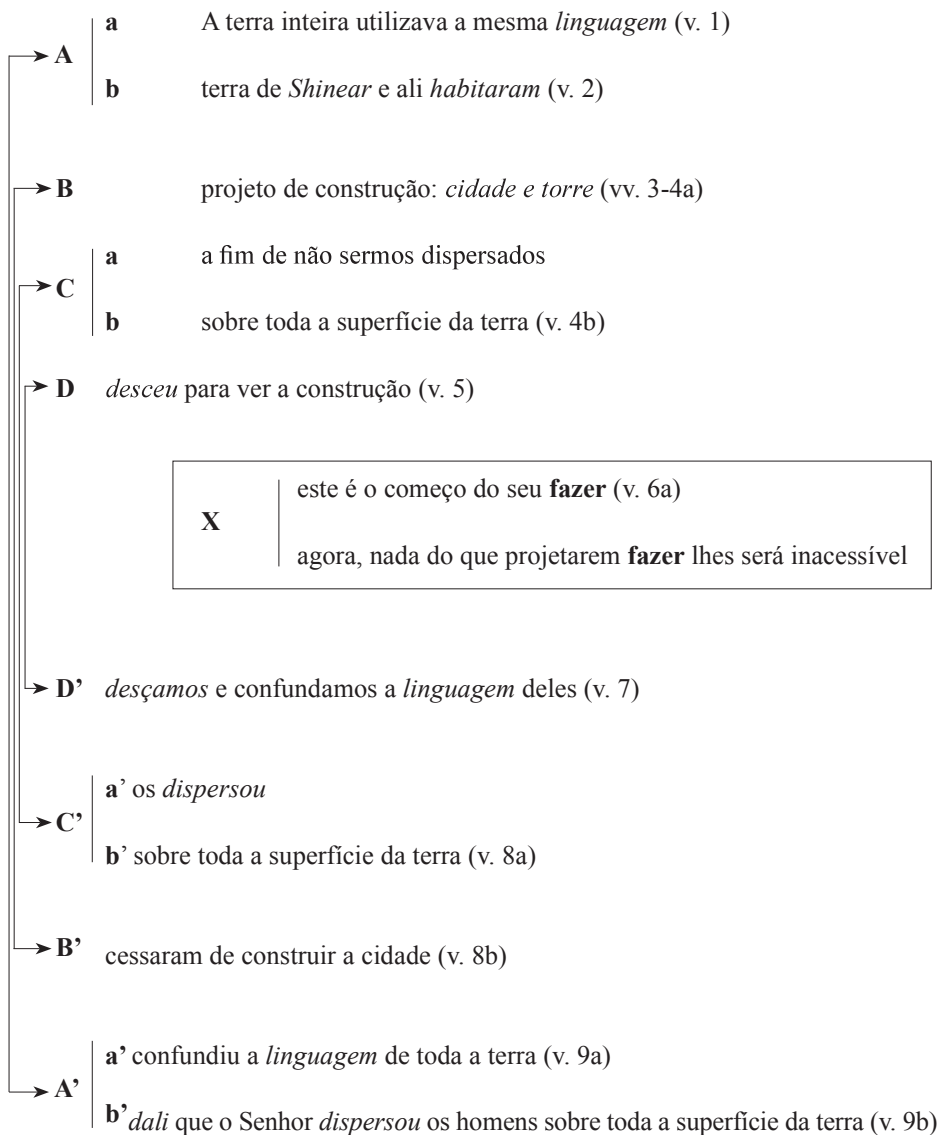
Gn 11,1-9, a Torre de Babel, apresenta pelo viés do contramito o mesmo desejo: que os babilônios, aqueles que nos dispersaram, sejam também dispersos pela terra. Matar os filhos dos opressores babilônicos, atirando-os contra a rocha, é o mesmo que fazer com que eles percam a identidade, perdendo a descendência.

Estrutura de Gn 11,1-9

Para entender a relação entre os mitos Torre de Babel e Casa de Babilônia, há que se considerar os versículos 6a e 9b do capítulo 11 de Gênesis. O primeiro é o centro da narrativa, e o segundo, objetivo final do relato. Eles afirmam que Deus vai impedir o fazer dos babilônios (v. 6b) e dispersá-los por toda a terra (9b). Essas duas afirmativas podem ser comprovadas a partir da estrutura de Gn 11,1-9 e da semântica das palavras.

O modo de pensar semita é concêntrico – diferente do ocidental, no qual o mais importante está no fim, na conclusão –, isto é, a ideia principal é colocada no centro e vem realçada por oposição ou contraposição de outras que se alternam. Nesse sentido, observe a estrutura abaixo⁴:

4. Cf. CROATTO, José Severino. *Exilio y sobrevivencia. Tradiciones contraculturales en el pentateuco*. Lumen: Buenos Aires, 1997, p. 385.



A correspondência dos temas e termos na estrutura acima apresentada, A e A', B e B' sucessivamente, demonstra como o centro da narração está no versículo seis: o agir humano chegou ao seu limite, agora será fácil fazer coisas piores. Os grandes projetos precisam ser impedidos. O centro não está em Deus descer para confundir a língua dos construtores da torre, mas a sua atitude de impedir o fazer o humano e dispersar o opressor.

A terra que falava a mesma linguagem e vivia em *Shinear* (Suméria e Babilônia) se viu dispersa e com a linguagem confundida. O projeto de construir a torre e a cidade foi barrado por Deus, que desceu para realizar essa ação inesperada pelo ser humano.

A semântica de substantivos e verbos utilizados

A semântica de substantivos e verbos utilizados na narrativa de Gn 11,1-9 elucida ainda mais a tese em questão. Vejamos.

Safah

Esse substantivo, que aparece nos versículos 1, 6a, 7a, 7b e 9a, não significa sistema linguístico ou língua, isto é, idioma, mas *fala* ou ato de comunicar-se, *linguagem*.

Cada povo tem sua língua, e dentro dele existem grupos que têm a sua linguagem própria, a partir da profissão que exercem. Quem não é advogado tem dificuldade para entender os termos técnicos, o modo advocatício de se comunicar. A teologia, da mesma forma, tem sua linguagem própria. O neoliberalismo tem uma linguagem muito diferente daquela do mundo árabe islâmico.

Caso a comunidade que produziu esse texto quisesse dizer língua/idioma, teria utilizado o substantivo *lashôn*, o qual aparece em Gn 10,5.20.31 para designar os diferentes povos e suas línguas. A partir deles, fez-se a dispersão nas ilhas das nações. “Esses foram os filhos de Jafé, segundo suas terras e cada qual segundo sua língua (*lashôn*), segundo seus clãs e segundo suas nações.” (Gn 10,5). Assim, no cap. 10 trata-se, de fato, das diversas línguas (idiomas) dos povos, mas em 9,1-9, não.

Balal

Balal é um verbo. Ele aparece nos versículos 7 e 9 e significa *mesclar*, *confundir*, mas não *multiplicar*, *diversificar*. O texto não quer dizer que Deus multiplicou as línguas/idiomas, mas fez com que os opressores não pudessem mais se entender no modo que eles se comunicavam, a partir da linguagem. Atualizando, é como no dia seguinte ao ataque terrorista às torres de Nova York: os mentores do neoliberalismo não sabiam o que fazer para se reestruturarem. “O que parecia impossível aconteceu: fomos atacados dentro do nosso próprio quintal e com as nossas próprias armas. Não estávamos bem protegidos?”, com certeza se perguntaram os líderes norte-americanos. Milhões de dólares não tinham sido investidos para impedir o ataque do inimigo?

A torre de Babel evidencia que um modo único de falar, sobretudo no campo da economia, estava e está ao serviço do projeto opressor. *Balal* tem, portanto,

o sentido de impedir a ação do opressor a partir da “confusão” de seu projeto. Assim, não foram línguas multiplicadas, mas projeto confundido.

Puṣ

Puṣ é um verbo que aparece nos versículos 4b, 8 e 9b. O seu significado não é o de dispersar o povo para criar ou distinguir um povo de outro, mas *esparra-mar, espalhar*, no seu sentido teológico de *perder a identidade* de um grupo antes unido. Assim também ocorrerá, alude o mito, com Babilônia.

As resistências ao mito babilônico

Como vimos, Gn 11,1-9 é a oposição ao mito babilônico da fundação de Babilônia. Nele, os judeus exilados se opõem ao opressor com as seguintes proposições:

a) A Torre de Babel foi construída pelos nossos antepassados e nomeada por Deus

Não é claro no texto bíblico que foi Deus quem deu o nome à torre. No contramito está escrito: “foi dado a ela o nome de Babel”. Já o mito babilônico deixa claro que foi Marduk que nomeou a construção: “a chamarei pelo nome de ‘Babilônia, a casa dos grandes deuses’. É Marduk também que nomeia o templo construído pelos deuses da terra de “Parakku, o Santuário, Torre de Babel”.

A iniciativa de construir Babilônia (Torre) parte de Marduk e dos deuses da terra. Já no texto de Gn, a iniciativa é dos seres humanos. O projeto dos deuses é o mesmo dos seres humanos corruptos. Não existe diferença entre a Babilônia celeste e a terrestre.

O fato de Deus dar um nome à torre significa deslegitimar a Babilônia de Marduk, da qual se diz que foi construída nos primórdios e por ordem expressa de sua divindade superior, Marduk. Por outro lado, sendo Deus ou os seres humanos os nomeadores da torre, quer o contramito de Gênesis ironizar e desprezar a ação do deus supremo da Babilônia, Marduk.

b) Eles queriam um “nome-fama” e ganharam um “nome-confusão”

Considerando o jogo de sons dos substantivos hebraicos usados no texto de Gênesis – infelizmente não podemos perceber o mesmo na tradução portuguesa –, percebemos outra ironia no contramito. No versículo 4b encontra-se a expressão: “façamo-nos um nome”; em hebraico, nome é *šem*. O versículo 9 afirma: “seu nome é Babel”, em hebraico, *šemâh babêl*. E ainda no versículo 9a: “ali confun-

diu”, em hebraico, *šâm bálal*. O relato de Gn 11,1-9 está posto antes da descrição da descendência de Sem (Gn 9,10-26), nome próprio que significa *nome* (*šem*). Em Gn 12,1 diz que Deus deseja engrandecer o nome (*šem*) de Abraão.

O substantivo que nomina o nome da cidade, *Babêl*, tem relação com o verbo *bálal*, *confundir*. Daí a afirmativa de que o nome-fama, esperado por Marduk, torna-se um nome-confusão. Um bom nome é sinal de poder em todos os sentidos. “Mais vale o bom nome do que um bom perfume”, afirma o livro de Eclesiastes 7,1a. O nome é a nossa identidade. No mundo bíblico, o nome tinha um valor imenso. Hoje, quando perdemos o crédito na praça, dizemos que o nome está sujo. E isso é sério, porque a pessoa perdeu a sua possibilidade de comprar e receber confiança de outro. Preservar o nome é muito importante. Quando destruímos alguém, falando mal dele, acabamos com o seu nome. Uma palavra contra alguém, uma fofoca facilmente cria raízes entre nós. Difícil é desdizê-la. Recuperar um nome difamado leva anos. Eclesiastes reflete que a vida vale quando o nome é preservado. O bom perfume, por mais caro que seja, simplesmente, maquia quem o usa. Ele é externo. O que vale é o interno.

O contramito de Gn 11,1-9 ironiza os babilônios. O projeto deles, que, antes, parecia ser o melhor para o repouso dos deuses, torna-se uma grande dor de cabeça. Ele não é tão seguro e promissor como eles imaginam. Em nossos dias, basta lembrar o exemplo da derrubada das torres gêmeas de Nova York. Esse fato colocou os poderosos Estados Unidos da América em polvorosa, em situação de vulnerabilidade. O que parecia seguro, infalível, ruiu. Não basta acusar fundamentalistas islâmicos. A questão é outra.

c) O nosso Deus dispersou os poderosos construtores da grande torre

O megaprojeto humano, simbolizado na fabricação humana de uma torre e de um nome-fama, teve o seu fim trágico: a poderosa Babilônia (Babel) foi dispersa por Deus. Ela pagou, miticamente pagará, pelos males feitos contra o povo escolhido do Senhor.

Não foram as línguas dispersas (multiplicadas) em Gn 11,1-9, mas os opressores babilônicos. Contrapondo a Gn 10, que conta a dispersão organizada, segundo línguas e descendência, dos filhos de Noé, Gn 11,1-9 é o contramito da dispersão confusa e negativa dos construtores da grande torre. E era Deus mesmo querendo dizer: o mundo precisa se reorganizar segundo a justiça, sem opressão... Mas não estamos falando da queda das Torres de Nova York! Ou estamos?

O ocorrido em Nova York, no dia 11 de setembro de 2001, fato de que a pós-modernidade da era internet não mais se esquecerá, nos reporta não somente ao texto bíblico da Torre de Babel, mas também a Dn 2,31-45, onde é descrita uma estátua que aparece no sonho do rei da Babilônia. Feita de ouro, prata, bronze e ferro para expressar o poder do rei, essa estátua, no entanto, tem os seus pés formados de ferro e barro misturados, o que demonstra a fragilidade do rei. E

foi por isso que uma pequena pedra vinda da montanha foi capaz de destruí-la. Ainda atualizando, basta lembrar que um avião vindo dos ares norte-americanos foi capaz de ferir o orgulho de uma nação que se crê a imbatível. A empáfia foi destronada. O orgulho de um povo, USA, foi ferido. A linguagem apocalíptica de Daniel animou as comunidades de então a resistir contra o opressor. Por mais poderosa que seja uma nação, um dia ela vai desmoronar.

Conclusão

Gn 1–11 faz parte de uma fase da humanidade, aquela em que se procurou explicar a sua origem a partir da relação com o Sagrado de forma mitológica. São mitos de criação que marcaram o mundo desde sempre. Mesmo em tempos modernos, onde impera a razão e o científico, não há como se esquecer dessas páginas, as mais lidas da Bíblia, juntamente com os evangelhos. Esses mitos, muitos deles contramitos, fazem parte do inconsciente coletivo da humanidade. Com Gn 9,1-11 não é diferente. Ele é um exemplo típico de resistência aos impérios que oprimiam Israel, sobretudo o babilônico, o que se tornou uma marca registrada nos contramitos criados por esse país.

Israel compôs Gn 11,1-9 com o objetivo de demonstrar que o seu Deus é maior que o do opressor. Ele age de forma diferenciada e sempre em favor do povo. O Deus bíblico não precisa de uma Babilônia sagrada, um grande império, para exercer a sua influência sobre os israelitas. Ele é Deus próximo da Aliança eterna.

Jacir de Freitas Faria
Rua Pernambuco, 840
Bairro Funcionários
30150-151 Belo Horizonte, MG
www.bibliaepocrifos.com.br
e-mail: bibliaepocrifos@bibliaepocrifos.com.br

Referências bibliográficas

- ARANA, Andrés Ibáñez. *Para compreender o livro de Gênesis*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BALLARINI, Teodorico. *Introdução à Bíblia*, II/1. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CROATTO, José Severino. *Exilio y sobrevivencia. Tradiciones contraculturales en el Pentateuco*. Comentario de Génesis 4,1–12,9. Lúmen: Buenos Aires, 1997.
- CUNHA, Rogério Inácio de Almeida (org.). *Criação de um outro mundo possível*. Gn 1-11. São Leopoldo: CEBI, 2007.
- KRAUSS, Heinrich; KÜCHLER, Max. *As origens: Um estudo de Gênesis 1–11*. São Paulo: Paulinas, 2007.